

# A PERCEPÇÃO DE DOCENTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Ingrid Chaves Moura<sup>1</sup>  
Cristiane Maria Sampaio Forte<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

O ensino de Química, tradicionalmente marcado pelo uso de representações simbólicas, modelos visuais e experimentos práticos, apresenta desafios significativos quando se propõe a incluir estudantes com deficiência visual. Essa característica visual da disciplina pode se transformar em uma barreira à aprendizagem se não houver adaptações metodológicas que possibilitem o acesso aos conteúdos por diferentes vias sensoriais. Assim, refletir sobre a inclusão de pessoas com deficiência visual nas aulas de Química significa repensar práticas pedagógicas e compreender o papel do professor como mediador de um processo educativo que valorize a diversidade.

No contexto da educação superior, especialmente nos cursos de Licenciatura em Química, a inclusão ganha relevância ainda maior, pois é nesse espaço que se formam os futuros docentes responsáveis por promover práticas mais acessíveis na educação básica. No entanto, estudos apontam que a formação inicial de professores de Química ainda carece de experiências que preparem os licenciandos para lidar com as especificidades de alunos com deficiência (Ferreira; Amaral, 2019; Lima; Barbosa, 2021). Essa lacuna evidencia a necessidade de investir em uma formação que articule o conhecimento científico com princípios de acessibilidade e equidade educacional.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar o ensino de Química sob a ótica da educação inclusiva, considerando, em especial, as percepções de docentes do curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE) quanto aos desafios e possibilidades de inclusão de estudantes com deficiência visual. A

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual do Ceará- UECE, [ingrid.chaves@aluno.uece.br](mailto:ingrid.chaves@aluno.uece.br);

<sup>2</sup> Professora do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual do Ceará - UECE, [cristiane.forte@uece.br](mailto:cristiane.forte@uece.br);



pesquisa se insere no campo das discussões sobre o papel da universidade na promoção de práticas pedagógicas inclusivas e na formação de professores capazes de atuar com sensibilidade e competência diante da diversidade presente nas salas de aula.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

A pesquisa apresenta abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada com oito docentes do curso de Licenciatura em Química do CCT/UECE. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, compostas por questões sobre formação docente, práticas pedagógicas inclusivas, desafios e apoio institucional.

As entrevistas foram conduzidas de forma presencial e online, mediante consentimento dos participantes, sendo posteriormente transcritas e analisadas por eixos temáticos. As categorias de análise contemplaram formação, desafios e práticas inclusivas, permitindo compreender as percepções dos professores acerca da inclusão de estudantes com deficiência visual no ensino de Química.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O ensino de Química, historicamente estruturado a partir de representações simbólicas e recursos predominantemente visuais, demanda dos professores estratégias que tornem o conteúdo acessível a todos os estudantes. Essa característica da disciplina impõe desafios à inclusão de pessoas com deficiência visual, exigindo que o docente desenvolva práticas pedagógicas que integrem outros sentidos, como o tato e a audição, para favorecer a aprendizagem (Silva; Martins, 2018; Ferreira; Amaral, 2019).

A formação inicial de professores é um ponto central nesse processo. De acordo com Mantoan (2006) e Pletsch (2009), a efetivação da educação inclusiva depende de uma formação que une conhecimentos técnicos, sensibilidade pedagógica e compromisso ético com a diversidade. No entanto, pesquisas indicam que muitos cursos de Licenciatura em Química ainda tratam a inclusão de maneira superficial, sem proporcionar experiências que preparem o futuro docente para atuar com alunos com deficiência (Lima; Barbosa, 2021).



Além da formação, as estratégias metodológicas inclusivas representam um caminho para reduzir barreiras no ensino de Química. O uso de modelos tridimensionais táteis, materiais em braille, audiodescrição e tecnologias assistivas pode possibilitar a participação ativa de estudantes com deficiência visual (Aguiar et al., 2018; Santiago Filho et al., 2024). Tais práticas, aliadas a uma postura docente aberta ao diálogo e à experimentação, fortalecem o compromisso com uma educação verdadeiramente inclusiva.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As entrevistas com os docentes do curso de Licenciatura em Química do CCT/UECE revelaram que a maioria não recebeu formação específica voltada à educação inclusiva, o que gera insegurança para atuar com estudantes com deficiência visual. Apesar disso, todos reconhecem a importância da inclusão e demonstram disposição em adaptar suas práticas.

Entre os principais desafios citados estão o caráter visual da disciplina, a falta de recursos acessíveis e o pouco conhecimento sobre o Núcleo de Acessibilidade (NAAI) da universidade. Alguns docentes relataram iniciativas individuais, como o uso de materiais táteis, descrições orais e metodologias multissensoriais, que favorecem a aprendizagem e a participação de alunos com deficiência visual.

Esses resultados evidenciam a necessidade de formação docente continuada e de maior articulação institucional, de modo que a inclusão no ensino de Química seja compreendida como prática permanente e não apenas como adaptação pontual.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise das percepções docentes evidenciou que, embora haja consciência sobre a importância da inclusão, ainda persistem lacunas na formação e na prática pedagógica voltadas ao ensino de Química para estudantes com deficiência visual. A ausência de capacitação específica e de materiais acessíveis dificulta a implementação efetiva de práticas inclusivas no ensino superior.



Os resultados indicam a necessidade de investimentos em formação continuada, integração com núcleos de acessibilidade e criação de estratégias pedagógicas diversificadas que permitam a participação plena de todos os estudantes. Assim, o fortalecimento de uma cultura institucional inclusiva e o comprometimento docente são essenciais para que o ensino de Química se torne verdadeiramente acessível e equitativo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, G. C. *et al.* Elaboração de um diagrama de Linus Pauling tridimensional com vistas à inclusão do aluno com deficiência visual. *In: ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS*, 7., 2018, Fortaleza. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2018.

FERREIRA, E. B.; AMARAL, R. L. P. Formação docente e o ensino de Química para alunos com deficiência visual: desafios e possibilidades. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 36, n. 2, p. 575-599, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7941.2019v36n2p575>. Acesso em: 10 jun. 2025.

LIMA, R. G.; BARBOSA, H. L. Inclusão no ensino de Química: reflexões sobre a formação inicial. **Revista Inclusão e Diversidade**, v. 6, n. 2, p. 45-59, 2021.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

PLETSCH, M. D. A formação de professores para a educação inclusiva: desafios à produção do conhecimento. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 101-113, 2009.

SANTIAGO FILHO, R. F.; MOURA, I. C.; FORTE, C. M. S. Promovendo acessibilidade aos alunos com deficiência visual: recurso pedagógico bordado para estudo do equilíbrio químico. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 10., 2024, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/110818>. Acesso em: 1 ago. 2025.

SILVA, D. C.; MARTINS, I. O uso de materiais didáticos táteis como estratégia inclusiva no ensino de Química Orgânica. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 9, n. 4, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirosul.edu.br/index.php/recima/article/view/1201>. Acesso em: 10 jun. 2025.



